

MORREU EUGENIA ALVARO MOREYRA

Circulou rapida e consternadoramente pelos circulos intelectuais da cidade a noticia tristissima do desaparecimento da escritora Eugenia



EUGENIA ALVARO MOREYRA
Surpreendeu a cidade o falecimento da conhecida escritora

Alvaro Moreyra, ocorrido esta madrugada, na residencia da familia, em Ipanema. Matou-a um derramamento cerebral, ocorrido apesar dos cuidados medico a que vinha ultimamente se submetendo.

Desde muito, pelas atividades intelectuais, interesse pelos problemas sociais e, particularmente, pelas questões relacionadas com o trabalho e a vida da mulher, como ainda pelos traços fortes que lhe distinguem a personalidade, tornara-se Eugenia Alvaro Moreyra uma figura apreciada nos circulos sociais e familiar ás ruas da cidade. Primeiro nos salões e nas reuniões de arte, nos quais se revelara sensibilidade realmente rica como poetisa, interprete sugestiva de tantos poetas patricios, depois como promotora de iniciativas com que constantemente reafirmava seu interesse por todas as manifestações de beleza e de espirito.

Aos poucos, porém, passara a interessar-se pelos problemas políticos e sociais e, quando ressurgiu na legalidade o Partido Comunista, filiou-se, ao lado de Alvaro Moreyra, nas suas hostes, transformando-se numa divulgadora ativa da doutrina marxista em nosso país, participando sempre com intrepidez dos movimentos partidários, figurando, em suma, nas listas de candidatos com que os vermelhos participaram dos últimos pleitos.

Mas as convicções partidárias que ostentava não lhe diminuíram as simpatias irrestritas que conquistara em nossos meios sociais e intelectuais, pela inteligência, pelo espirito admirável e, mesmo, pela irreverência que assumia tantas e

saborosas formas de excentricidade. Essa excentricidade, excessiva aos espiritos excessivamente conservadores ou preconceituosos, era o que em regra o povo da rua conhecia de Eugenia Alvaro Moreyra: — sua pastinha, seus balangandans vistosos, charutinho que ultimamente fumava em público, sua cara de Fôjita, seu todo sensacionalista, atraindo olhares, despertando comentários. Assim, nas aparências extravagantes, resultantes, talvez para os mais azedos, de simples atitudes literárias, o homem da rua conhecia essa singular criatura, na qual todos sentiam uma personalidade forte e luminosa.

Mas, por detrás disso tudo, era uma companheira modelar, mãe extremosa e, veja o leitor como as aparências enganam, a mais carinhosamente brasileira das avós. Deixou sete netos e era preciso vê-la, longe dos meetings e coletas comunistas, nos deveres de avó, nas preocupações de mãe e esposa, cercada da ninhada de filhos e netos, na casa da rua Xavier da Silveira, onde por tanto tempo as portas se abriram hospitaleiras para os melhores instantes de convívio de espirito, reunindo artistas e intelectuais.

Seu desaparecimento foi uma perda sensibílissima para os nossos circulos mentais e para toda uma geração que se habituara a apreciar tão singular personalidade de mulher e inteligência tão esplendida e vibrante.